



Relatos e reflexões

ATITUDES E COMPORTAMENTOS DE HOSPITALIDADE*

Leonardo Boff **

No processo de globalização, no qual todos os povos se encontram e devem se acolher, e especialmente face aos milhões de refugiados climáticos ou por escassez de água, hospitalidade se impõe como uma atitude e uma virtude fundamental. Ela pode significar a vida ou a morte de muitíssimas pessoas. Elenquemos algumas destas atitudes próprias da hospitalidade necessária.

A boa vontade incondicional

Se a boa vontade não for a atitude prévia a tudo que pensarmos e fizermos, será impossível criar-se uma base comum a todos. Se malicio tudo, se tudo coloco sob suspeita e se não confio mais em ninguém, então, como construiremos algo que congregue a todos?

* Texto extraído, por sugestão do autor, do livro *Virtudes para um outro mundo possível: Hospitalidade. Direito e deveres de todos*. V. 1. Petrópolis: Vozes, 2005.

** Teólogo e escritor, doutor em Teologia e Filosofia pela Universidade de Munique, é professor emérito de teologia e ética na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, membro da Iniciativa Carta da Terra e co-redator do documento *Carta da Terra*. Portador do Prêmio Nobel da Paz alternativo do Parlamento sueco de 2001, é autor de mais de 70 livros nas áreas da teologia, ética, espiritualidade e ecologia. Petrópolis/Brasil.

Dito positivamente: só contando com a boa vontade de todos podemos construir algo bom para todos. Em momentos de crise é a boa vontade o fator principal de união de todos para uma resposta que supere a crise. Immanuel Kant (1724-1804), o mais rigoroso pensador da ética no Ocidente moderno, fez uma afirmação de grandes consequências, em sua *Fundamentação para uma metafísica dos costumes* (1785): “Não é possível se pensar algo que, em qualquer lugar no mundo e mesmo fora dele, possa ser tido irrestritamente como bom senão a boa vontade (*der gute Wille*)”¹. Traduzindo seu difícil linguajar: a boa vontade é o único bem que é somente bom e ao qual não cabe nenhuma restrição. A boa vontade ou é só boa ou não é. Há aqui uma verdade com consideráveis consequências práticas. Foi também Kant que no seu último escrito *A paz perpétua*² colocou a hospitalidade como a primeira virtude de uma república mundial junto com a observância dos direitos humanos.

Estas reflexões valem para qualquer iniciativa de cooperação humana, especialmente para o processo de globalização, marcado tão profundamente pela competição. Se não houver boa vontade da grande maioria da humanidade, não vamos encontrar uma saída para a desesperadora crise social que dilacera as sociedades periféricas, nem uma solução para o alarme ecológico que põe em risco o sistema-Terra. Não haverá nada, nem governo, nem lideranças carismáticas de governantes que sejam capazes de forjar uma alternativa esperançadora para o problema social e ecológico mundial.

A boa vontade é a última tábua de salvação que nos resta. A situação mundial é uma calamidade. Vivemos em permanente estado de guerra civil mundial. Não há ninguém, nem as duas Santidades, o Papa e o Dalai Lama, nem as elites intelectuais e morais, nem a tecno-ciência que nos forneçam uma chave de encaminhamento global. Na verdade, dependemos unicamente de nós mesmos. Vale recordar o que escreveu Dostoiévski em sua narrativa fantástica *O sonho de um homem ridículo*³ de 1877: “Se todos quisessem, tudo mudaria sobre a Terra num só momento”.

O Brasil reproduz em miniatura a dramaticidade mundial. A chaga social produzida em quinhentos anos de descaso com a causa do povo significa uma sangria desatada. Grande parte de nossas elites nunca pensou uma solução para o Brasil como um todo mas somente para si. Estão mais empenhadas em defender seus privilégios que garantir direitos para

¹ KANT, Immanuel. *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*. Göttingen.

² Cf. *Idem Zum ewigen Frieden. Ein philosophischer Entwurf*.

³ Cf. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *A dócil e O sonho de um homem ridículo*.

todos. Por mil manobras políticas, até com golpes de Estado, conseguem manipular os governos democraticamente eleitos para que assumam a agenda que lhes interessa e impossibilitar ou protelar as transformações sociais necessárias. Contrariamente à maior parte do povo brasileiro que sempre mostrou imensa boa vontade, boa parte das elites se negasaldar a hipoteca de boa vontade que deve ao país.

Se a boa vontade é assim tão decisiva, então urge suscitá-la em todos. Em momento de risco, como o atual estado da Terra que se parece a um Titanic sossobrando, todos, até os principais responsáveis pela crise atual, podem ajudar com um mínimo de boa vontade. É a condição de sua sobrevivência. Os conflitos de classe continuam virulentos e devem ser tomados a sério, mas em situação extrema, devem ser relativizados. Em todos vigora um mínimo de capital de boa vontade. Se cada um, de fato, quisesse que a humanidade desse certo, com a boa vontade de todos,ela daria certo.

Acolher generosamente

Significa aceitar sem preconceitos e jovialmente o outro como outro, em sua diferença. Vivemos hoje uma situação irreversível: estamos todos embarcados na mesma nave espacial, a Terra. Não podemos, de saída, nos inimizar uns com os outros. Devemos conviver e nos tolerar, quer queiramos ou não. Como outrora, não há espaços nos quais alguém poderia se refugiar para não ter que conviver com quem não quereria. Torna-se impossível um país fechar-se totalmente sobre si mesmo sem relações com os demais. A globalização torna tal propósito absolutamente inviável.

A acolhida não deve ser vivida como uma condenação porque não temos outra saída. Devemos viver a acolhida jovialmente como quem vê no outro um próximo, um companheiro de caminhada, um irmão e uma irmã, membros da grande família humana, outrora dispersa, e agora reunida na mesma Casa Comum.

Escutar atentamente

Importa escutar mais com o coração do que com os ouvidos. Trata-se de abrir-se cordialmente, com o sentimento de quem sente o outro e tenta vê-lo a partir dele mesmo e não a partir dos conceitos e preconceitos criados pela cultura.Consideramos uma ilusão a proposta de alguns teóricos franceses,segundo a qual, sequer deveríamos, em nome

da incondicionalidade da hospitalidade, perguntar pelo nome e pelo país de onde a pessoa veio. As pessoas não são números. São exatamente pessoas que têm nome e origem. Sem se deixar contaminar com eventuais preconceitos ligados a certos nomes ou países, devemos sim chamar a pessoa pelo seu nome, saber de seu país e de sua vida.

Neste mesmo ato, nos damos conta de que cada pessoa tem algo a nos dizer. E o diz pela sua simples presença, pelo seu rosto, pelo seu olhar, pelas suas mãos, por suas palavras e por suas roupas. Escutar é dispor-se a captar lados da realidade para nós inacessíveis mas que nos podem ser revelados pelo outro. Quanta sabedoria, quanta beleza, quantas histórias heróicas, quanta criatividade mostraram os povos e culturas diferentes. E também quantas lutas, quantos sofrimentos, quantos dramas e tragédias tiveram que passar ao longo do tempo. Pela escuta podemos aprender, nos confrontar, incorporar, nos completar e nos enriquecer em nossa própria identidade que nunca é algo fixado para sempre mas uma matriz capaz de se renovar e crescer em contacto com o diferente.

Dialogar francamente

Dialogar é entrar em reciprocidade e intercambiar. Todo ser humano é um ser dialogal porque sua existência é sempre coexistência e interdependência. Por isso precisamos uns aos outros para ser humanos. A questão maior hoje é o diálogo entre as culturas, a interculturalidade.

Cada cultura mostra um modo diferente de sermos humanos, com limitações e amplas virtualidades. No diálogo intercultural aparecem os muitos caminhos de construção da identidade, as várias maneiras de dialogar com a natureza, de nomear o Divino e o Sagrado, de rezar, de festejar, de fazer arte e música. Ao mesmo tempo emergem os pontos comuns que nos identificam como seres humanos, membros da espécie *homo sapiens e demens*.

A dignidade, o respeito, a solidariedade, o cuidado, a participação, a transparência, a boa governança, a não-violência e a reverência são valores presentes nas culturas locais e na cultura nova que está emergindo como expressão da globalização do fenômeno humano. Todos estes valores lentamente vão se firmando e constituindo a convergência coletiva da história globalizada da humanidade.

O grande risco é que as relações de diálogo sejam coisificadas e tratem mais de trocar produtos e fazer transações comerciais do que colocar as pessoas e os povos em contato de intercâmbio para se descobrirem

como a grande família humana com sua inesgotável diversificação e riqueza de valores.

Nessa sociobiodiversidade, o planeta Terra aparece como um mosaico complexo de sistemas ecológicos e sociais, os mais diversos. que pela inter-retro-conexão de todos com todos forma o corpo coletivo da humanidade. Cada parte deve ser reconhecida em sua identidade e em sua diferença, com a percepção de que é parte de um todo uno e diverso.

Negociar honestamente

Onde há interesses conflitantes devemos desenvolver a vontade e a capacidade de negociação, de encontrar a justa medida e as convergências possíveis dentro da lógica do ganha-ganha. Cada grupo deve ter a coragem de assumir compromissos que atendam os interesses em jogo e que sempre tenham em vista o bem comum.

O fenômeno da planetização da condição humana e o surgimento da geosociedade obrigam a dar centralidade ao bem comum acima dos bens particulares. Caso contrário, as tensões e conflitos continuam e significam tropeços no caminho de uma globalização humanitária.

Esta perspectiva de negociação aberta e honesta deve prevalecer especialmente contra os mecanismos e o poder de países poderosos e de classes dominantes que usam todos os meios para manter sua situação leonina de privilégio e de verdadeira dominação sobre as outras partes do mundo ou da sociedade. Para grande parte deles, a globalização continua sendo a ocidentalização do mundo com a imposição do seu estilo de vida e dos seus parâmetros de cultura e civilização.

Renunciar desinteressadamente

Renunciar aos interesses particulares em vista do bem de todos se constitui uma pré-condição para qualquer estratégia de consenso. A renúncia aqui é a capacidade política de priorizar o que é realmente importante para todos. Com isso não se está perdendo algo, se renuncia para ganhar em paz, em sustentabilidade e em coesão ao redor de uma meta comum: conviver humanamente juntos dentro da mesma Casa Comum.

Nossa responsabilidade coletiva aumenta na proporção direta dos riscos que criamos à nossa sobrevivência e à perpetuidade da vida no planeta. Em função desse supremo valor, base de todos os demais, impõe-se inapelavelmente a renúncia do particular para salvar o universal.

Responsabilizar-se conscientemente

Não se trata de negar a própria posição e a identidade de cada um. O que se requer é a responsabilidade conscientemente assumida de evitar que as singularidades de cada povo e mesmo de cada pessoa se façam obstáculos à consecução de um bem comum. A diferença própria assumida no interior de um propósito coletivo pode conferir colorido à convivência humana. A afirmação da própria diferença não precisa inevitavelmente significar a potenciação de conflitos. Se ela for consciente de seu caráter relativo e sempre na perspectiva da construção do todo, ela é legítima e enriquecedora da complexidade da globalização.

O risco é o pensamento único, a uniformização cultural, o achatamento das diferenças e o desperdício das boas experiências feitas pelos povos. São tais práticas que trazem insatisfação, revolta e amargura, solo fértil para tensões e conflitos danosos para a construção de um bem coletivo.

Relativizar corajosamente

Relativizar a própria posição e diferença não implica renunciar aos próprios valores. Exige corajosamente deixar de entendê-los como os únicos válidos e absolutos, o que conflitaria com os demais. Importa colocá-los em relação com os outros e com o todo. Ai eles aparecem como uma possibilidade entre outras de construção do humano. Então ajudarão a compor o policrômico mosaico das diferenças que se acolhem, convivem entre si, se toleram e junto constroem a grande confederação dos povos livres da Terra (*Weltrepublik*), sonho maior da filosofia política de Immanuel Kant e dos melhores pensadores contemporâneos.

Transfigurar inteligentemente

Pelo fato de sermos também *demens*, portadores de dimensões de agressividade, sempre estamos às voltas com a violência que tantas vítimas faz. O desafio não consiste em erradicarmos tais dimensões mas em transfigurá-las. Quer dizer, fazer com que não sejam destrutivas. A competição, por exemplo, que marginaliza e exclui a tantas pessoas, classes e nações mais fracas deve ser transfigurada através de formas benevolentes como competições esportivas, culturais, artísticas e outros concursos. Através desta transfiguração se canalizam estes dinamismos de competição e concorrência para fins aceitáveis e não destrutivos conservando intacto o tecido humano.

Se bem repararmos, esta foi a estratégia usada pela humanidade através dos séculos na busca de soluções positivas para os conflitos e as tensões. Ela significa a passagem do “estado natural” onde prevalece o direito da força, para o “estado civilizado” onde se instaura a força do direito.

Esta estratégia civilizada é seguida pelos movimentos sociais que não usam da violência dura mas a transfiguram em violência simbólica através da pressão sobre a sociedade e o Estado em favor dos direitos das mulheres, dos negros, das minorias étnicas, de pessoas discriminadas, movimentos pela ecologia, pela paz e contra a guerra. Os meios de alcançar tais fins são pacíficos, utilizando a pressão democrática, os debates públicos, as manifestações massivas e os plebiscitos populares.

A fase planetária da humanidade se consolidará somente quando a cultura da paz e da renúncia a toda violência física se transformar em conquista coletiva e em patrimônio comum dos povos congregados. Então estarão dadas as condições para uma paz duradoura entre todas as tribos da Terra.

Conclusão

Diante dos graves problemas ecológicos contemporâneos e o sensível aumento de refugiados ambientais, a utopia continua a inspirar motivações para que o espírito da hospitalidade leve a superar barreiras, preconceitos e hostilidades contra os estrangeiros e em geral as pessoas em migração. É importante que se crie o mais rápido possível a consciência da urgência da hospitalidade. Não existe alternativa a ela. Desta vez o destino de cada povo é indissociável do destino de todos os demais e também do destino da Terra.

Todos, a partir de agora, seremos atores da única história da espécie humana, una e diversa. Para que nesta história todos se sintam sujeitos, a hospitalidade, a acolhida irrestrita e recíproca é essencial.

A hospitalidade é antes de mais nada uma disposição da alma, aberta e irrestrita. Ela, como amor incondicional, em princípio, não rejeita nem discrimina ninguém. É simultaneamente uma utopia e uma prática. Como utopia representa um dos anseios mais caros da história humana: de ser sempre acolhido independentemente da condição social e moral e de ser tratado humanamente. Como prática cria as políticas que viabilizam e ordenam a acolhida. Mas por ser concreta sofre os constrangimentos e as limitações das situações dadas.

Nem sempre se conseguem criar condições para formas aceitáveis de hospitalidade. O preconceito de larga tradição impede que ela seja assumida verdadeiramente. Os nacionalismos, a xenofobia e os fundamentalismos estão na ordem do dia, fecham as portas a milhares de pessoas e aumentam o sofrimento produzido pela rejeição. Mesmo assim, cabe sempre articular um utópico ideal com o concreto real, a solidariedade incondicional com a condicional para quando nos instalemos na resignação e na indiferença e nunca deixemos de crer na melhoria da condição humana.

Bibliografia

- DERRIDA, Jacques. *De l'hospitalité*. Paris: Calmann-Levy, 1997.
- DI SANTE, Carmine. *L'ospitale*. Roma: Lavoro, 2001.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *A dócil e O sonho de um homem ridículo*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- ELIAS, Norbert. *La sociedad de los individuos*. Barcelona: Península, 1990.
- FRIEDMAN, Jonathan. *Cultural Identity and Global Process*. London: Sage, 1994.
- HUNTINGTON, Samuel. *O choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial*. São Paulo: Objetiva, 1997.
- JELLOUN, Ben. *Hospitalité française*. Paris: Seuil, 1990.
- KANT, Immanuel. *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.
- _____. *Zum ewigen Frieden. Ein philosophischer Entwurf*, in *Idem. Schriften zur Anthropologie, Geschichtsphilosophie, Politik und Pädagogik* (Werke in zehn Bänden, Bd. 9). Darmstadt: ed. Wilhelm Weischedel, p. 191-251.
- KRISTEVA, Julia. *Stranieri a se stessi*. Milano: Feltrinelli, 1990.
- MELUCCI, Alberto. *Vivencia y convivencia, teoría social para una era de información*. Madri: Trotta, 2001.
- NTABONA, Adrien. "L'interculturalité, avenir de l'humanité", in *Foi et Développement*, Paris, dez, 2001.
- SOUZA SANTOS, Boaventura de. *A crítica da razão indolente*. Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.
- TOURAINÉ, Alain. *Podemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- VON BARLOEWEN, Constantin. *L'anthropologie de la mondialisation*. Paris: Éditions des Syrtes, 2001.